

A mídia na literatura distópica: uma breve análise das obras “Admirável Mundo Novo”, “1984” e “Fahrenheit 451”¹

Ana Carla Ferreira Longo MORAES²

Márcio Souza GONÇALVES³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Esta pesquisa parte do tema mídia nas distopias, tendo como objeto a breve análise de três livros do século XX: “1984”, de George Orwell, “Fahrenheit 451”, de Ray Bradbury, e “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley. Neste artigo, serão destacados trechos do texto e elementos midiáticos que trazem à tona a discussão das mídias nessas obras, com o objetivo de refletir sobre as relações de poder evidenciadas no gênero distopia. A partir do conceito de *materialismo cultural*, de Raymond Williams (2011), de *cultura da mídia*, de Douglas Kellner (2001), e de *indústria cultural*, de Adorno (1971) e Horkheimer, faremos uma breve introdução às obras. Defende-se que esses livros criam discursos de resistência e alerta a regimes totalitários, tornando possível, a partir da literatura, levantar discussões no campo da comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: distopia; leitura; comunicação; mídia; cultura.

Introdução

A mídia está intimamente relacionada à cultura. Ela influencia a opinião pública, forma olhares, produz discursos e mensagens que impactam a organização social e a percepção da realidade. É possível, inclusive, como corrobora Douglas Kellner (2001, p. 53), assumir a inseparabilidade de ambas, já que elas coexistem, sendo a comunicação uma das formas pelas quais a cultura é disseminada e efetivada. Assim, não há comunicação sem cultura, nem cultura sem comunicação. Por isso, a literatura, enquanto manifestação cultural, também é um espaço de reflexão da mídia.

Partindo da premissa de que os livros são um meio de comunicação e um lugar de reflexão crítica e produção cultural, propomos o paralelo dialógico entre comunicação e literatura, acreditando que esta última fornece caminhos para pensar de

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação Social do PPGCOM-UERJ, e-mail: carlaanasc3292@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Associado do Curso de Comunicação Social do PPGCOM-UERJ, e-mail: msg@uerj.br

que forma a mídia é vista culturalmente em determinados períodos históricos. Tal fato permanece relevante ainda hoje, pois a mídia se torna cada vez mais onisciente e onipotente através das novas tecnologias.

A mídia nas distopias

Este artigo é um desdobramento do meu trabalho de monografia, no qual desenvolvi uma análise cultural de duas obras distópicas do século XX: “1984”, de George Orwell, e “Fahrenheit 451”, de Ray Bradbury. Além disso, deriva-se também do meu projeto de pesquisa de mestrado, que inclui ao escopo de estudo o livro “Admirável Mundo Novo”, de Aldous Huxley.

Nessas obras de distopia, a mídia é parte determinante na construção das narrativas, contribuindo para o cenário de pesadelo social⁴, descrito pelos autores. A ficção distópica, como aponta Raymond Williams (2011, p. 267-268), possui, entre seus tipos, a capacidade de mostrar a forma de vida mais miserável descrita em outro lugar na história, produzida pela degeneração social e/ou por tipos nocivos de ordem social. Pode-se definir como distopia, portanto, a narrativa fictícia de um futuro tomado pela desolação em todos os âmbitos da sociedade. É dessa forma que os autores desse gênero literário produzem críticas em relação ao momento histórico em que vivem e evidenciam suas preocupações com os rumos da humanidade, numa espécie de alerta para o futuro.

A literatura, assim, torna-se uma ferramenta que possibilita conhecer a realidade social em que os autores estavam inseridos, dialogando com o conceito de cultura, segundo Williams (apud GLASER, 2011, p. 7), enquanto um espaço de significados e valores. A partir do conceito de *materialismo cultural*, Williams (2011) mostra a importância de pensar os fenômenos culturais a partir de seus contextos históricos, econômicos, políticos e sociais. À vista disso, pensa-se a cultura em sua totalidade, enquanto forma de atribuir significações a determinadas práticas.

Nesse sentido, é interessante pensar como essas obras de distopia impulsionam discussões pertinentes em relação à influência, alcance e poder da mídia, em uma época em que regimes totalitários atingiam seus ápices e, sobretudo, no cenário entre e pós-

⁴ Expressão utilizada por Evanir Pavloski (2005, p. 1) para se referir às distopias, gênero literário caracterizado por construir uma narrativa em que os aspectos negativos e nocivos da sociedade são levados ao extremo.

Guerras Mundiais. É nesse período também, como destaca Kopp (2011), que esse gênero literário ganha força, refletindo os receios e temores da época.

Todo esse contexto do século XX coincide com os primeiros estudos do então incipiente campo da comunicação, em que se destacam correntes como a Sociologia Americana e a Teoria Crítica. Essas correntes foram fundamentais para o início da formação e sistematização das teorias da comunicação e, portanto, do nosso campo de conhecimento. Nesse momento, os avanços da técnica criaram uma demanda teórica. Surgiu, então, na modernidade, como destaca Vera França (2001), a necessidade de que a comunicação passasse a ser estudada a partir do olhar científico.

No meu trabalho de monografia, então, desenvolvi uma análise cultural de “1984” e “Fahrenheit 451”, tomando esses livros como produtos culturais dotados de contexto, produzidos ativamente por seus autores e ganhando novos significados quando lidos. Tracei um paralelo entre as teorias da comunicação e os fenômenos comunicacionais presentes nas narrativas de Orwell e Bradbury, a fim de analisar o espaço de discussão da comunicação e suas relações de poder nessas distopias.

Um dos conceitos da Teoria Crítica pertinente para analisar essas narrativas é o conceito de *indústria cultural*, de Adorno (1971) e Horkheimer. A partir dele, os autores evidenciam a padronização da cultura tendo em vista a sua transformação em mercadoria. Esse conceito, que faz crítica a um determinado uso dos meios de comunicação segundo os interesses de uma ordem social dominante, faz-se perceptível na maneira como a cultura e a comunicação são utilizadas para gerar conformação e padronização nas sociedades distópicas.

Pode-se verificar, então, nessas obras, a noção de uma *cultura da mídia* já tomando forma no século XX. Dialogamos, por isso, com Douglas Kellner (2001, p. 10): “[...] a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta.”

Ou seja, pode-se pensar na mídia e, conseqüentemente, no conjunto dos meios de comunicação, enquanto espaço de disputa de significados e narrativas. Já não se tem, hoje, puramente a simples noção de mídia enquanto instrumento de poder dos primeiros estudos da comunicação, pois se abre espaço para a reflexão crítica e complexificada do uso que se faz desses meios. Estes podendo corroborar com o discurso dominante ou culminar em novos olhares e reflexões críticas.

Esta pesquisa nasceu de um interesse pessoal na forma como os meios de comunicação são significativos nessas narrativas, que foram lidas entre os primeiros períodos do curso de Comunicação Social – Jornalismo e, desde então, foram pontos de interesse na minha vida acadêmica.

Contudo, mais do que isso, destaca-se aqui o potencial da relação entre comunicação e literatura. As tecnologias da comunicação estão presentes na vida social contemporânea cotidianamente. Por isso, pensar e refletir criticamente o seu papel é de interesse coletivo. Tomar a literatura como uma aliada na construção desse olhar crítico para as mídias é um movimento importante para o exercício democrático da cidadania e das liberdades individuais e coletivas.

Ademais, defende-se o lugar da comunicação e da literatura enquanto espaços potenciais para a reflexão e construção de novas percepções de mundo. Sobretudo no atual contexto nacional, em que o acesso à leitura ainda é excludente e o seu incentivo não é priorizado. Exemplo disso é que a Receita Federal defende a taxaço dos livros, considerando de forma elitista que estes não são consumidos pela população mais pobre.⁵ Essa proposta de reforma os encareceria ainda mais, já que atualmente estes são isentos de impostos pela Constituição Federal.⁶

É por isso que o livro deve ser defendido como bem cultural para acesso de todos, assim como a cultura, de maneira geral, deve ser democratizada. A importância de obras como as que foram aqui elencadas é trazer à discussão o perigo de regimes totalitários, privações de liberdades e, mais uma vez, os fenômenos midiáticos e suas relações de poder. Aliás, por serem clássicos, esses livros seguem sendo amplamente lidos.⁷ “1984”, inclusive, foi leitura obrigatória no Vestibular 2021 da Uerj.⁸

Sabedoria hipnopédica e cinema sensível em “Admirável Mundo Novo”

O livro “Admirável Mundo Novo”, publicado em 1932, é considerado um dos mais célebres livros de distopia. Na trama, uma sociedade futurista é construída com indivíduos que nascem através de técnicas de fertilização artificial, sendo pré-definidos

⁵ Ver: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/04/4916782-receita-defende-taxacao-de-livros-sob-argumento-de-que-pobres-nao-leem.html>. Acesso em: 05/08/2021.

⁶ Ver: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/08/11/taxacao-de-livros-como-proposta-de-reforma-tributaria-pode-encarecer-obras.ghtml>. Acesso em: 05/08/2021.

⁷ “1984” e “Admirável Mundo Novo” constavam na lista de mais vendidos da categoria de ficção da Revista Veja até o dia 6 de agosto de 2021. “Fahrenheit 451” também constava nessa lista no dia 7 de abril do mesmo ano. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/livros-mais-vendidos/>. Acesso em: 06/08/2021.

⁸ Ver: https://www.uerj.br/uerj_tags/vestibular-2022/. Acesso em: 06/08/2021.

e condicionados antes de nascer segundo os interesses do regime sob o qual estão submetidos. A sociedade é dividida em castas, classes sociais que determinam o lugar que cada indivíduo pode ocupar na organização social. As castas definem, além das características biológicas de cada grupo, a que tipo de atividades e bens se tem acesso.

Nessa sociedade, todos vivem em uma corrente de felicidade acrítica, as relações sociais são limitadas às castas e a noção de família é uma ideia constrangedora, já que todos foram fabricados em linhas de produção industrial. O tempo é contado antes e depois de Ford⁹, prova da influência do contexto pós-Revolução Industrial na construção da obra. A história se passa em uma Londres no futuro comandada pelo Estado Mundial, mais precisamente no ano da estabilidade 632 d.F. (depois de Ford). Essa menção à Ford, inclusive, torna possível recorrer a Georg Simmel (1973) para pensar a vida na cidade, onde a intensificação dos estímulos nervosos a que os indivíduos são submetidos pela constante presença das tecnologias influencia a vida psíquica dos mesmos e altera as relações sociais e a noção de personalidade e subjetividade. A vida na metrópole produz novas dinâmicas de relação com o espaço, com o outro e consigo mesmo.

Um dos principais elementos que evidencia a questão da mídia na obra é o “cinema sensível”, que assume um papel de meio de comunicação conformador e aliado aos interesses dominantes. Chamado assim pela sua capacidade de estimular todos os sentidos de quem assiste, ele reproduz imagens ampliadas, sons e até mesmo odores e sensações similares às sentidas pelos personagens. Esse tipo de tecnologia proporciona uma experiência imersiva ao público, contribuindo para o condicionamento dos gostos e do comportamento dos indivíduos.

Além disso, a hipnopédia, o princípio do ensino durante o sono, é uma das bases de sustentação desse sistema. Através da presença constante do rádio nos ambientes cotidianos, por meio dos cânticos entoados em cerimônias e festividades e da “sabedoria hipnopédica”, repetida exaustivamente ao longo da vida, os indivíduos são expostos às mensagens dos meios mesmo quando estão dormindo, absorvendo seus conteúdos e as regras sociais inconscientemente. Inclusive, essa é uma das principais funções da mídia em consonância com o regime, deixar os indivíduos “tão completamente à vontade que não tenham consciência de si próprios” (HUXLEY, 2014, p. 89). É o que fica evidente

⁹ Henry Ford (1863-1947) foi um grande fabricante norte-americano, conhecido por instituir o modelo de fabricação industrial em série de automóveis. Ver: <http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/ford.htm>. Acesso em: 20/07/2021.

quando uma das personagens, após tomar o *soma*, pílula capaz de causar bem-estar imediato e garantir o estado de torpor e felicidade desejados, deleita-se na presença das mídias:

[...] ali ficou ela; e, no entanto, não era ali que ela estava; achava-se sempre em outra parte, infinitamente longe, fora da realidade, em algum outro mundo onde a música do rádio era um labirinto de cores sonoras, um labirinto deslizante, palpitante, que levava (por voltas maravilhosamente inevitáveis!) a um centro brilhante de convicção absoluta, onde as imagens dançantes do aparelho de televisão eram os atores de algum filme sensível e cantado, indescritivelmente delicioso (HUXLEY, 2014, p. 189)

Essa descrição dos múltiplos sentidos ativados pela mídia sonora e audiovisual corrobora com a visão das primeiras teorias da comunicação de um público passivo. É notável o efeito inebriante despertado pela multiplicidade de percepções que se misturam na presença das mídias: “um labirinto de cores sonoras”, “algum filme sensível e cantado”. Portanto, imagem e som criavam contextos “inevitáveis”, aos quais os indivíduos estavam expostos e não podiam escapar.

Há, ainda, Escritórios de Propaganda e jornais direcionados a cada casta. Os livros têm caráter instrutivo, são obras de consulta. Toda a cultura e conteúdo midiático são moldados, bem como o conceito de *indústria cultural* pontua, ao evidenciar a padronização dos bens culturais no século XX. A mídia, então, aliada às regras sociais de “Admirável Mundo Novo”, contribui para a manutenção das relações de poder e limita a obtenção de informação e conhecimento dos indivíduos, que ficam restritos apenas a essa realidade. Fato que também fica evidente quando alguns dos protagonistas visitam uma reserva indígena, onde há outras formas de saber e práticas culturais, dos quais são completamente afastados.

Huxley é predecessor de Orwell e Bradbury e, por isso, serve como fonte de inspiração e referência para esses autores. Inclusive, foi professor de francês de Orwell e escreveu uma carta a este depois de receber e ler sua obra, “1984”.¹⁰ Portanto, é possível perceber a influência e criar pontes dialógicas entre as obras aqui trabalhadas.

Teletelas, verdade e poder em “1984”

Em “1984”, publicado em 1949, Orwell também constrói um cenário que permite reconhecer uma separação de classes e uma cultura construída para a

¹⁰ Ver: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/08/em-carta-aldous-huxley-discorre-sobre-obra-de-seu-aluno-george-orwell.html>. Acesso em: 20/07/2021.

uniformização dos indivíduos. Na fictícia Londres, localizada na Oceânia, todos são governados pelo Partido, que tem como líder o Grande Irmão (*Big Brother*). Os pôsteres expostos pelo cenário urbano carregam a emblemática frase: “O Grande Irmão está de olho em você” (ORWELL, 2009, p. 12).

O Partido é dividido em quatro ministérios: Ministério da Verdade, Ministério da Paz, Ministério do Amor e Ministério da Pujança. O protagonista, Winston Smith, trabalha no Ministério da Verdade, órgão responsável pelas notícias, entretenimento, educação e belas-artes. Winston altera registros e falseia notícias, criando a noção de realidade desejada pelo governo do Grande Irmão. Algumas passagens do livro que descrevem as atividades laborais do protagonista mostram que, após alterar os registros, o personagem descarta os arquivos antigos em orifícios chamados de “buracos da memória”. Essa dinâmica prova o domínio do Partido sobre o que é ou não midiado, interferindo diretamente na percepção e conhecimento dos indivíduos sobre o que acontece e, ainda mais, na memória social.

O próprio protagonista, inclusive, tem dúvidas e não sabe precisar com certeza o ano em que se encontra ou há quanto tempo vive sob o regime do Grande Irmão. Contudo, acredita estar no ano de 1984. Dentro do Ministério da Verdade, há também o Departamento de Documentação, responsável por alterar livros, fotografias, documentos, confeccionar listas de livros e periódicos a serem recolhidos, produzir entretenimento e informação segundo os moldes do Partido, inclusive para aqueles que pertenciam à classe social mais baixa, os proletas. Esse cenário, mais uma vez, dialoga e ilustra o conceito de *indústria cultural*, de Adorno (1971) e Horkheimer, já que é um exemplo claro de uso dos meios para gerar conformação segundo os interesses dominantes.

Além disso, um dos fenômenos midiáticos de maior proporção na manutenção dessa relação de poder e controle são as teletelas, placas de metal que ocupam as paredes e são muito semelhantes à televisão. Elas são não só a principal fonte de informação dos indivíduos, mas também uma maneira de ditar a rotina e, sobretudo, vigiar e monitorar o comportamento do povo da Oceânia.

O conteúdo dessas teletelas inclui, principalmente, propaganda política, promovendo o ódio a outras nações, reafirmando e construindo a verdade. O objetivo dessa mídia é promover a figura de imponência do Grande Irmão, seja através da sua imagem ou das estatísticas econômicas moldadas para mostrar o suposto

desenvolvimento da Oceânia sob o regime do Partido. Um cenário em que mídia e poder andam juntos, sem maiores liberdades, afinal, até mesmo pensar constituía um crime, passível de ser captado por qualquer movimento suspeito em frente à teletela.

Os Dois Minutos de Ódio, horário em que todos interrompiam suas atividades de trabalho para manifestar seu ódio ao inimigo do Partido em frente às teletelas, é um dos momentos em que esse aparato mostra seu alcance e poder. Quando a imagem do Grande Irmão surge na teletela, seu impacto é tamanho que ela perdura mesmo ao final da transmissão: “O rosto do Grande Irmão, contudo, deu a impressão de permanecer na tela por vários segundos mais, como se o impacto que causara nas retinas de todos os presentes fosse vívido demais para desaparecer imediatamente.” (ORWELL, 2009, p. 27)

A figura do Grande Irmão e a constante situação de vigilância pode ser trazida para a contemporaneidade: quando pensamos nos algoritmos das redes sociais, por exemplo, que registram o comportamento dos usuários nas redes e direcionam seu conteúdo, ou mesmo na presença das câmeras de segurança nos ambientes urbanos. É o que corrobora Kellner (2001):

“As novas tecnologias da mídia e da informática, porém, são ambíguas e podem ter efeitos divergentes. Por um lado, proporcionam maior diversidade de escolha, maior possibilidade de autonomia cultural e maiores aberturas para as intervenções de outras culturas e ideias. No entanto, também propiciam novas formas de vigilância e controle, em que os olhos e sistemas eletrônicos instalados em locais de trabalho funcionam como encarnação do Grande Irmão.” (KELLNER, 2001, p. 26)

Como já dito, as mídias possuem potenciais democratizadores, mas ainda possibilitam novas práticas de controle e poder. Elas são, sobretudo, espaço de disputa de narrativas. Por conseguinte, as distopias proporcionam trazer essa discussão para a nossa realidade social, em um mundo midiaticizado.

Queima de livros, grandes telas e conchas sonoras em “Fahrenheit 451”

Em “Fahrenheit 451”, os livros foram proibidos e a função dos bombeiros é queimá-los. A narrativa se passa em um EUA no futuro e, apesar de não apresentar a imagem de um poder tão centralizado quanto as outras duas obras, a mídia atua intrinsecamente aos interesses dominantes.

Por isso, a principal forma de perceber e conhecer a realidade são as grandes telas, responsáveis por preencher o cotidiano dos indivíduos com programas de entretenimento, como novelas. É por meio dessas telas, inclusive, que as queimas de livros são transmitidas. O protagonista, Guy Montag, trabalha como bombeiro e não só vê, como atua na queima dos livros. Em determinado momento da narrativa, ele percebe a estratégia por trás da exibição do seu trabalho: “Meu Deus, pensou Montag, é isso mesmo! O alarme sempre chega à noite. Nunca de dia! Será porque à noite o fogo é mais bonito? Mais espetacular? Um programa melhor?” (BRADBURY, 2012, p. 60)

Trata-se de uma crítica presente na obra à espetacularização e esvaziamento crítico das mensagens midiáticas. Essas se exibem como verdade absoluta ou entretenimento acrítico, reais e vívidas demais para serem questionadas: “O televisor é “real”. É imediato, tem dimensão. Diz o que você deve pensar e o bombardeia com isso. Ele *tem* que ter razão. Ele *parece* ter muita razão. Ele o leva tão depressa às conclusões que sua cabeça não tem tempo para protestar: “Isso é bobagem!”.” (BRADBURY, 2012, p. 109)

Além disso, um elemento comum da obra de Bradbury com a de Huxley é a desvalorização dos livros, que assumem, mais uma vez, um caráter puramente técnico e instrutivo, mais uma evidência da necessidade de moldar a cultura segundo os interesses dominantes. Aqui, o ritmo veloz das informações e estímulos não deixa espaço para o pensamento que o livro poderia impulsionar. Pensar é sinônimo de infelicidade e desconforto, tudo o que a sociedade não quer e, portanto, precisa combater. As grandes telas já suprem boa parte das horas dedicadas ao lazer.

Ademais, outra tecnologia da comunicação presente no livro de Bradbury são as conchas sonoras, dispositivos muito semelhantes aos atuais fones de ouvido, que transmitem mensagens e músicas ininterruptamente. Elas são comparadas, inclusive, a “besouros eletrônicos”, por emitirem zumbidos constantes. A esposa do protagonista, Mildred, vive embalada por esses dois aparatos midiáticos, as grandes telas e as conchas sonoras, inerte e satisfeita com os estímulos que recebe.

Esse cenário ilustra a preocupação presente nas distopias acerca da imersão no mundo midiático que vinha se agigantando já naquela época e, ainda, lança luz ao que se vive hoje, com dispositivos como os celulares. Aliás, a presença do “cinema sensível”, das teletelas e das grandes telas nessas narrativas mostra como a literatura distópica recorre a uma crítica ao audiovisual. Debates pertinentes também para a

contemporaneidade, sobretudo tendo em vista que todos os três autores apresentam personagens que, de dentro da teia social, passam a questionar-se e a incomodar-se com seus lugares de espectadores passivos das realidades distópicas e midiáticas.

Discussões em torno do campo teórico da comunicação

Há estudos de diversos campos e áreas das Ciências Humanas e Sociais relativos aos livros aqui enfocados. Contudo, ao pensar no recorte mídia e distopia, destacam-se os trabalhos de dois autores, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa até aqui: a Tese de Doutorado em Comunicação Social “Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury”, de Rudinei Kopp (2011), e a Tese de Doutorado em Comunicação “Admirável Comunicação Nova: um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias”, de Carolina Dantas de Figueiredo (2011).

Kopp (2011, p. 6) analisa a representação ficcional dos meios de comunicação de cinco livros de distopias, entre os quais os três aqui elencados. Tomando o contexto histórico da época, o autor afirma que as representações dos meios de comunicação nessas distopias fazem ressoar o pensamento crítico que havia acerca desses meios naquele momento, situando-os como tecnologias fundamentais para a manutenção do poder. Ao analisar aspectos dessas obras, citando elementos e trechos dos livros, ele oferece referencial para a pesquisa até aqui desenvolvida.

Figueiredo (2011, p. 7) tem como *corpus* de estudo as mesmas três obras desta pesquisa, considerando que elas dialogam com o real e servem como metáforas para os dias de hoje, já que se referem a aspectos da comunicação que seriam encontrados atualmente. Seu trabalho também se debruça sobre a questão do poder, sem deixar de pensar na questão do sujeito. Para ela, “As distopias tratam da comunicação através de três perspectivas distintas, porém complementares: a da construção da verdade; a das mídias e da Indústria Cultural; e a do sujeito que busca formas alternativas de comunicação para escapar de um sistema hostil.” (FIGUEIREDO, 2011, p. 7)

Além desses autores, a reflexão em torno das obras se desenvolve em torno de alguns autores clássicos já mencionados, como Raymond Williams (2011), Douglas Kellner (2001) e Adorno (1971).

Uma reflexão interessante acerca do próprio conceito de *comunicação*, proposta pelo latino-americano Mario Kaplún (1998, p. 63), questiona o lugar da comunicação

enquanto relação de poder, onde apenas uma das partes possui legitimidade para falar e transmitir mensagens. A essa, ele nomeia comunicação dominadora, que é aquela que também notamos fortemente nas distopias. O autor defende, sobretudo, uma comunicação democrática, transformadora:

A verdadeira comunicação - dizem - não está dada por um emissor que fala e um receptor que escuta, e sim por dois ou mais seres ou comunidades humanas que trocam e compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos (ainda que seja à distância através de meios artificiais). É através desse processo de troca que os seres humanos estabelecem relações entre si e passam da existência individual isolada à existência social comunitária. (KAPLÚN, 1998, p. 64, tradução da autora)

Essa noção de *comunicação* enquanto *diálogo* permite refletir e questionar o tipo de comunicação que acontece nas distopias e é, sobretudo, a comunicação que este trabalho defende. Kaplún (1998, p. 64) entende que, para os pesquisadores latino-americanos, os meios de comunicação utilizados para transmitir mensagens procedentes de emissores centralizados são meios de informação e difusão, não equivalendo à comunicação humana, democrática e comunitária.

Para pensar, inclusive, em como essas distopias podem ser lidas pelos leitores de hoje, podemos tomar como ponto de partida os estudos do latino-americano Guillermo Orozco, que desenvolveu sua tese de doutorado pensando na recepção dos programas televisivos pelas crianças, através, inclusive, da escola e da família. Em entrevista à *Revista Comunicação & Educação*, Orozco (1998, p. 83) pontua que mesmo os conteúdos que não são de cunho educativo podem educar e ensinar algo e afirma que a televisão faz isso. Nas obras de distopia, a televisão e o audiovisual em geral são instrutivos e ensinam boa parte dos padrões de comportamento social. Orozco critica ainda a visão que se tem dos meios enquanto mero recurso tecnológico, em vez de pensá-los como objetos de reflexão.

Em outra entrevista, para a *Revista Brasileira de Comunicação*, Orozco (1993) explicou que os estudos de recepção definem o lugar do receptor enquanto sujeito e não apenas consumidor dos meios:

Antes havíamos deixado de lado o estudo da recepção, o receptor estava sempre em função do emissor, e foi tomado simplesmente como consumidor. [...] Agora se trata de, através dos estudos de recepção, entender a recepção como processo, entender o receptor como sujeito deste processo, entender o meio social deste receptor e

ver as possibilidades deste conhecimento para uma democratização do processo comunicativo. (OROZCO; JACKS, 1993, p. 32)

Aqui, pode-se tomar esse conceito como base para pensar a literatura como forma de efetivar o lugar crítico do receptor, que não só é leitor das distopias, como também é um sujeito inserido em um contexto midiático, recebendo estímulos de múltiplas mídias no seu cotidiano. Impulsionar e instigar o leitor realmente é parte da premissa das distopias.

Considerações finais

Conclui-se que a distopia é um meio pelo qual a mídia pode ser refletida culturalmente, um espaço que, apesar de retratar certo uso dos meios durante regimes totalitários e abusos de poder, oferece um terreno fértil à crítica e à resistência a discursos dominantes. Na relação entre literatura e comunicação, é possível criar pontes dialógicas entre a representação das mídias nessas distopias e as reflexões teóricas do campo da comunicação. E, ainda que as obras aqui abordadas tenham sido escritas no século XX, elas oferecem caminhos para pensar o cenário midiático que vivemos na contemporaneidade, sendo, por isso, de grande relevância.

Este artigo analisa brevemente as obras e introduz o tema da mídia nas distopias, passível ainda de mais aprofundamento. A partir de agora, então, no mestrado, pretende-se descobrir se esse potencial crítico de fato se efetiva quando esses livros chegam aos leitores. Com o objetivo de entender como essas obras são lidas, especialmente se são feitos destaques aos fenômenos midiáticos, é que os próximos passos desta pesquisa serão traçados, tendo em vista a realidade em que estão inseridos seus leitores e de que forma eles veem um diálogo entre essas narrativas e o que vivem.

Por fim, é importante estabelecer que essa pesquisa vem sendo feita sem perder de vista a premissa de, ainda que dialogando com a literatura, manter a “centralidade do fenômeno comunicacional” (MARTINO, 2007, p. 28). Já que, nesse sentido, a literatura torna-se uma aliada para pensar a comunicação na sociedade, historicamente e na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional Editora da Universidade de São Paulo, 1971, p. 287-295.

BRADBURY, R.. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

FIGUEIREDO, C. D. de. **Admirável comunicação nova**: um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias. Orientadora: Cristina Teixeira Vieira de Melo. 2011, 353 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Versão eletrônica. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/2885>. Acesso em: 09 jun.2022.

FRANÇA, V. V. O objeto da comunicação/a comunicação como objeto. In: HOHFELDT, A; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (org.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 39-60.

HUXLEY, A. **Admirável Mundo Novo**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

KAPLÚN, M. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

KOPP, R. **Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20**: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury. Orientador: Francisco Rüdiger. 2011, 279 p. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Versão eletrônica. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4473>. Acesso em: 09 jun.2022.

MARTINO, L. C. Uma questão prévia: Existem Teorias da Comunicação. In: MARTINO, L. C.; CRAIG, R. T.; BERGER, C. R. (org.). **Teorias da Comunicação**: Muitas ou poucas. Ateliê Editorial: 2007.

OROZCO, G.; JACKS, N. Pesquisa de recepção: investigadores, paradigmas, contribuições latino-americanas. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 16, n. 1, p. 22-33, jan/jun 1993.

OROZCO, G. G. Uma pedagogia para os meios de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 12, p. 77-88, maio/agosto 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36360/39080>. Acesso em: 05 ago.2021.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAVLOSKI, E. **1984**: a distopia do indivíduo sob controle. Orientadora: Mail Marques de Azevedo. 2005, 276 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Versão eletrônica. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/2996>. Acesso em: 09 jun.2022.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. *In*: VELHO, O. G. (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, p. 11-25.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. Tradução: André Glaser. São Paulo: Unesp, 2011.